

MICHEL SERRES: TEMPO COMPOSITOR E FILOSOFIA COMPOSTA

Maria Emanuela Esteves dos Santos¹
Agência financiadora: Fapesp

Resumo: Um pensamento flexível e sem exclusões na concepção de Michel Serres é aquele que é capaz de acolher de acordo com a necessidade, “questões práticas, situações vitais, teorias abstratas, nosso ser-no-mundo, desejos, emoções, culturas” (2010, p. 56). Disso resulta, por sua vez, um certo tipo de colagem ou o que ele denomina “uma marchetaria que reúne, mais que analisa, que constrói mais que critica” (*ibidem*). Em outras palavras, um certo tipo de composição. Em *Cahier de l’Herne*, edição 2010, o filósofo traz um conjunto de palavras-chave que vão costurando e dando forma a marchetaria de seu pensamento. Composição: nutrir; cultivar; doença, saúde; combinar; paisagem; amor; paz; exclusão; conexões; ritos, língua, um lugar; música. A vida se compõe e inspira o devir de uma filosofia também composta.

Palavras-chave: Tempo; filosofia; composição.

*A vida é a força ativa do pensamento e o pensamento
é a potência afirmativa da vida.*
(Deleuze, 1962, p. 115)

A vida se compõe e inspira o devir de uma filosofia também composta. “Colado, *bricolado* pelo tempo da adaptação e os acasos evolutivos, cortado pelas mutações, selecionado” (Serres, 2010, p. 56), o organismo vivo é um modelo. Mas observem que ele não funciona como um sistema perfeito, homogêneo, mas como uma associação de “máquinas simples e sofisticadas, eletrônicos e alavancas, carrinhos de mão e computadores” (*ibidem*). Os organismos vivos e os modelos mecânicos servem de inspiração à filosofia com seus processos de seleção, adaptação, uso e desuso ao longo da história. O tempo traz à tona esses cemitérios de objetos abandonados: velhos carros, roldanas, moinhos de vento, motores, robôs, computadores, dezenas de outras ferramentas em desuso fazem um resumo do tempo e dos nossos modelos mecânicos antigos e novos (Serres, 2010). De forma semelhante, o organismo em sua evolução vital inventa mil modelos e os abandona assim como nossas práticas deixam esses cemitérios ao longo da história. A evolução do organismo assemelha-se, enfim, a uma triagem feita por sucateiros: do quebrado, estragado, desmontado, ao costurado, refeito, remontado, reutilizado, reaproveitado. “Bom modelo mecânico do vivo: menos uma harmonia excelentemente uniforme que uma colagem de peças e de pedaços à moda de Arlequim” (*ibidem*, p. 56). Assim associado ao composto, Serres (2010) afirma: melhor uma bricolagem, próxima da vida, que um sistema de filosofia na contramão dessa realidade em composição.

De igual maneira, nutrir-se remete à composição: saladas, legumes, verduras, carnes, massas e doces. Menus variados e compostos para a manutenção, criação e preservação da vida. A dose de energia que se repõe e que coloca o organismo em movimento. Em seguida, cultivar. Serres (2010) destaca que Leibniz e Voltaire afirmavam que um sábio deveria se conduzir como um jardineiro: podar e selecionar. E para que o cultivo possa nascer, viver, crescer e florir é necessário um composto de terra mais ou menos viscosa, intermediária entre o sólido e o líquido: o húmus. Desse composto, surge a vida.

Saúde e doença. O analista não gosta da mistura suja, nem do odor fétido. Ele busca no corpo, nas palavras, nas ideias críticas, o puro. Asséptico, puro, espaço branco e livre.

¹ Doutoranda na Faculdade de Educação – Unicamp e Bolsista Fapesp. E-mail: manu_esteves@yahoo.com.br.

Contudo, essa é uma região de grande risco, pois na perfeita pureza, nos lugares limpos, é que se pode instalar milhões de micróbios. Frágil e mortal. Se o puro não resiste, o sujo, por sua vez, se mantém e sobrevive (*ibidem*).

Combinar. A filosofia analítica decompõe, enquanto as reações químicas, combinatórias passam sempre por corpos compostos, desfeitos, refeitos, decompostos e recompostos, mas tendo por ponto de partida e por resultado a constituição. “Como, portanto, a química usual e a bioquímica, como a vida, a filosofia combina moléculas ou cristais complexos mais que átomos simples” (*ibidem*, p. 57).

Paisagem, composta de rochas, cristais, lagos, rios, campos, desertos, mares, corpos variados e diversos, uma profusão de espécies, organismos mutáveis e diferentes. Composta e diversa por essas paisagens variadas, a bela Terra vive.

Amor. O amor não precisa de lugar, de intensidade, de tempo nem elos. Ele não exclui nada, admite tudo, ignora o status e a determinação (*ibidem*). Aquele que eu amo pode ter ao redor de mim, em mim, por mim, todos os lugares de uma só vez, mesmo que contraditórios. Eu posso amá-lo, pouco, muito, loucamente ou de forma nenhuma. Tudo isso ao mesmo tempo ou a cada vez. Essa é a ubiquidade, a mobilidade e a transparência do amor. O inverso, no lugar único e estável pode surgir o ódio. O amor é frondoso, o ódio é unitário. O ódio segue um caminho linear. O amor surge em buquê ou estrela. Um é analista, o outro composto (*ibidem*, p. 58).

Paz. A composição dialoga, trata, negocia com o estrangeiro, com o oposto, com o contraditório. Ela acolhe sem exclusão. A análise e a dialética, por sua vez, levam ao combate. A composição compõe com o oposto. E nesse cenário, bem-vindo seja o terceiro excluído, na lógica, na política, na constituição das coisas, nas sociedades, na paisagem, na vida em geral, no amor e na guerra. A paz reúne o que foi separado.

Conexões. Toda relação induz um parasita que desfruta e acaba por transformar seu hospedeiro. E não será nesse parasitismo as origens da vida composta (*ibidem*)? Ritos. Remetem às religiões e seus fetiches, colocam em relação terra e céu, humanos entre si, carne e espírito. A palavra religião traz em abundância o relacional. Conhecimento. Os saberes algorítmicos e as paisagens, com seus valores aditivos e singulares tendem a assumir o lugar das ciências declarativas, tradicionais, abstratas e dedutivas, sem, contudo, as substituir (*ibidem*). Momento do terceiro instruído. Mestiço, Arlequim. O bom, o belo e o verdadeiro agora misturados.

Língua: as preposições. Por essa filosofia da composição, um longo trabalho com as proposições, elementos que compõe, que dispõe no espaço e no tempo: contra e por; sem e com; fora e dentro; sobre e sob; antes e depois; abaixo e acima. Na língua, as preposições têm essa função decisiva de “operadores de posição” (Serres, 2010, p. 58), para promover a síntese e o sentido.

Lugar. Uma composição se define como um conjunto de posições (*ibidem*). “O cálculo depende do conjunto da posição dos números, a ortografia depende da posição das letras, a sintaxe da posição das palavras, a narrativa da posição das frases, uma melodia da posição das notas, uma molécula da posição dos átomos” (*ibidem*, p. 58). As preposições modelam a língua, a declinam e esculpem para que ela se adapte aos objetos e ao mundo. Elas compõem a paisagem de nossas frases e páginas.

Música. Nesse caminho, a filosofia se faz então compositora. Mensurando as distâncias que distingui e separa, ela busca integrar acordes e somar diferenças. Compondo o mosaico, unindo até mesmo a harmonia e a desarmonia, para conduzir a uma excepcional beleza. “Filosofia musicista de uma razão viva” (Serres, 2010, p. 59). E enfim as matemáticas, “arte suprema em definir com rigor relações possíveis entre mil diversidades descobertas” (*ibidem*). Como uma série infinita de operadores: “razão, proporção, igualdade de relação, paridade, medida de distâncias, paralelismo, similitude [...], cada nova disciplina nessa ciência retoma sempre a intenção de religar e reaproximar” (Serres, 2010, p. 59). Grandes compositores, matemáticos e músicos, convidam um terceiro, o filósofo a integrar a arte da composição.

Vemos então nessa trajetória se formar pelos traços compostos o perfil de um pensamento em sua sensibilidade e percepção da riqueza da vida composta. Um pensamento que procura nutrir, cultivar, sujar, combinar, seguir pelas paisagens do mundo, amar, promover a paz e a não exclusão, possibilitar conexões entre coisas diversas e opostas, olhar para os ritos e as religiões, buscar os saberes e as junções algorítmicas e paisagísticas, voltar-se na linguagem para as proposições, deslocando-se pelos lugares e operando as aproximações. E na tessitura desse conjunto diverso, a busca pela harmonia na composição dos acordes da sua música singular, da sua filosofia composta, porque a vida é ela mesma composição.

Referências

DELEUZE, Gilles. *Nietzsche et la philosophie*. Paris: P.U.F., 1962.

SERRES, Michel. *Cahier de l'Herne*. Paris: Éditions de l'Herne, 2010.